

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura**—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

**Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

**SUMMARIO:**—*Um appello aos catholicos.*—*Visão dos tempos antigos: As sete maravilhas do mundo* (continuação).—**LITTERATURA:** *A lenda das gaiotas*, por P.—**NOTAS SOCIAES:** *Socialismo e anti-clericalismo* (de Max Turman).—**VARIA:** *A vida e a felicidade*, por M.

**M.**—**As NOSSAS GRAVURAS.**—**BIBLIOGRAPHIA:** por J. V. Pinto de Carvalho, Abbade de Mancellos.—**DE TUDO UM POUCO.**—**RETROSPECTO DA QUINZENA.**—**ESTUDOS:** *A Imprensa* (continuação), por G. S.—**Gravuras:**—*A Caridade*—*Abadia de Hautecombe*.

## Um appello aos catholicos

No mar procelloso da vida presente, ao surgir o primeiro quartel do seculo XX, herdeiro das admiráveis descobertas do seu antecessor, que se ufana de archivar o periodo aureo á electricidade e ao vapor, levantaram-se com arrogancia destemida ondas encapelladas, de descrença, impellidas pelo medonho furacão da impiedade que procura esmagal-as contra as columnas inabalaveis da religião, para a destruir pelos seus fundamentos!

Nunca a lucta foi mais porfiada, titanica e cosmopolitica.

A par da ingente e encarniçada perseguição aos sentimentos religiosos, campea infrene tal perversidade de ideias e corrupção de costumes que nos fazem prever o mais terrivel cataclismo.

Pio X, o sapientissimo Pontifice que ora timonea a barca de Pedro, reconhecendo isto mesmo, não duvida afirmar na sua primeira Encyclica: «quem pesar estas cousas, tem o direito de temer que uma tal perversão dos espiritos seja o começo dos males annunciados para o fim dos tempos...»

Para implantar a bandeira da revolta e inocular nos corações innocentes o veneno das falsas doutrinas, servem-se os nossos temiveis adversarios de todos os meios inspirados pelo pae da mentira, entre os quaes merece especial attenção a incansavel e temivel propaganda da imprensa impia e desmoralisadora, procurando levar a aos cantos mais afastados, e sertanejos.

E n'essa rêde perigosa, cujas malhas adoçam com o mel de apparentes felicidades e fementidas esperanças, recolhem todos os dias numerosos adeptos para recrutar ao exercito de Satanaz.

Opusculos e livros, onde se encontram as mais per-

niciosas doutrinas, são profusamente espalhados e gratuitamente fornecidos.

Semanarios illustrados com gravuras maliciosas e collaborados por intelligencias desvairadas são enviados ao seio das familias para accender o fogo das paixões e corromper a innocencia dos costumes.

Diarios de larga circulação e abundantissima tiragem alimentam a curiosidade dos leitores com a detalhada pormenorisação dos crimes mais revoltantes, e na falta de casos sensacionaes, impingem-lhes escandalos forjados nas redacções, envolvendo n'elles circumstancias que sirvam para delustrar a religião.

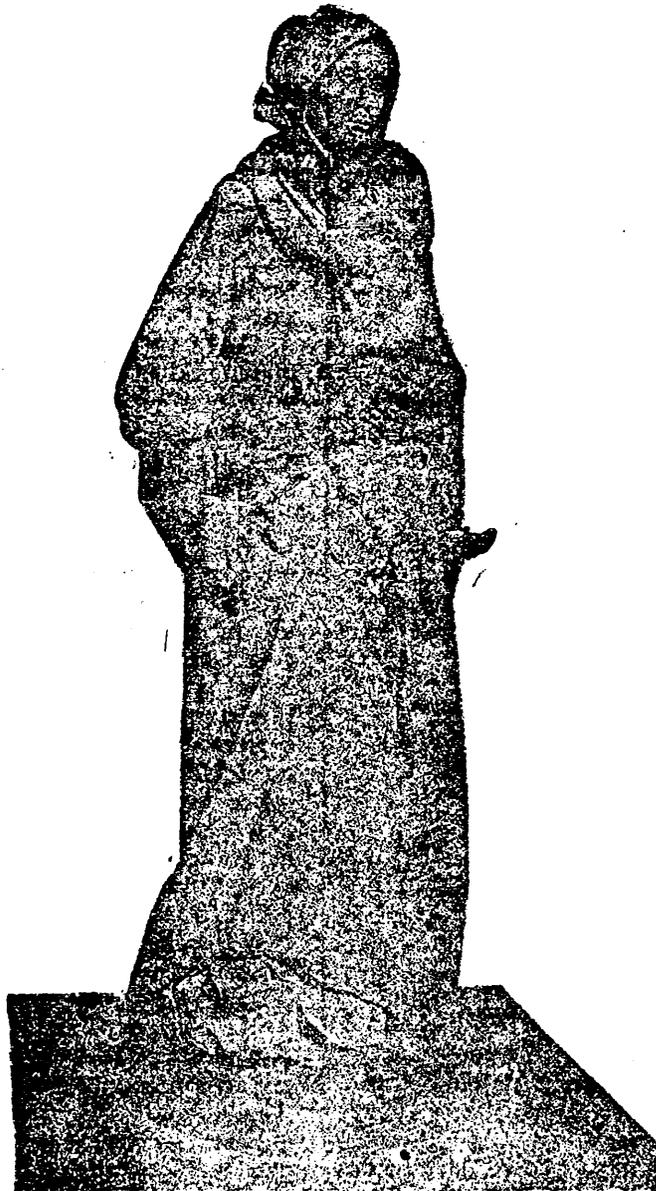
Tal é o rebaixamento a que chegou a imprensa nacional e a podridão que infecta os nossos prélos.

A' excepção de poucos jornaes, alguns dos quaes, por minguados recursos, luctam com grandes difficuldades para se sustentarem, os demais, porque fomentam as paixões, perseguem a religião e fartam as exigencias dos curiosos, vivem desafogadamente, não faltando, entre os mesmos catholicos, quem lhes dê a preferencia.

Nas ruas e praças publicas dos maiores centros, onde são apregoados todos os jornaes, temos até presenciado que os proprios vendedores de exemplares avulsos offerecem a meia voz os diarios catholicos, ao passo que, para venderem os restantes jornaes, levantam gritos tão violentos que chegam a incommodar os transeuntes.

A febre da leitura jornalistica attingiu tão elevado grau de intensidade que, entre as mesmas classes baixas da sociedade não falta quem assigne o seu diario noticioso.

Infelizmente, porém, como a propaganda catholica conta um reduzido numero de apostolos, acontece, geralmente, que a maior parte dos leitores recebem jor-



A CARIDADE, (estatueta de Teixeira Lopes)

naes que professam ideias avançadas e empregam as armas da diffamação e da calúnia para mais facilmente illudirem os ingenuos, que dão mais credito ás affirmações, em lettra redonda, d'esses pasquins, do que aos oráculos da Escripura.

Impedir por todas os meios a propaganda da má imprensa, pôr um dique á impetuosa corrente da impiedade que, por meio dos seus periodicos, portadores rapidos das falsas doutrinas, procura deschristianisar os povos, é um dever de consciencia a que estão obrigados não só os que se presam de pertencer á religião de Jesus Christo, mas principalmente aquelles a quem está confiada a direcção e salvação das almas.

Este nosso justissimo appello, de reconhecida oportunidade deve merecer a especial attenção de todos aquelles que se interessam pelo bem da Religião e da Patria, pois é sabido que, continuar esta escandalosa protecção á imprensa dos nossos terriveis adversarios, a sociedade caminha a passos agigantados para um barathro inevitavel, cavado pelas subversivas theorias e principios destruidores, diariamente inculcados nos órgãos officiosos da incansavel impiedade ao grande numero dos seus leitores.

Não nos faltam hoje, felizmente, jornaes noticiosos, diarios sufficientemente informados, revistas brilhantemente redigidas, onde possamos beber o puro leite das boas doutrinas e satisfazer as exigencias da nossa curiosidade.

E', pois, a estas emprezas que, por culpa nossa, não vivem desafogadamente, que devemos dar a preferencia, prestar o nosso apoio, recommendal-as aos nossos amigos e envidar todos os esforços para as levar ao seio d'aquellas familias onde são recebidos esses *pamphletos* nojentos e desmoralisadores.

O apostolado da boa imprensa, que mereceu as bençãos e especial recommendação do saudoso Pontifice Leão XIII, é hoje, mais que nunca, a obra de maior alcance para o bem da humanidade e um dos maiores beneficios que podemos prestar á religião.

Trabalhem, portanto, com affinco na grandiosa missão da propaganda catholica e praza aos ceus que no espirito dos leitores d'este desataviado artigo encontre respeitoso echo o justissimo appello do obscuro e humilde

JUPA.

VISÃO DOS TEMPOS ANTIGOS

## As sete maravilhas do mundo

III

### Os Jardins suspensos de Babilonia

Uma ideia de utilidade havia presidido á construcção do pharol de Alexandria: tratava-se de facilitar o commercio, e de proteger todo um povo de maritimos. Era, pois, uma obra util e humanitaria.

Com esta «maravilha do mundo» não se dava nada d'isso. Toda a molleza oriental rescendia d'esta obra, tornando celebre esta cidade, que ficara sendo o typo da cidade peccadora, impenitente e relapsa. Um capricho de voluptuosidade fez surgir por sobre Babilonia os jardins feéricos destinados a deleitar as horas vagas d'uma mulher, e a emoldurar os sonhos d'uma soberana omnipotente.

Não ha nada mais poetico que a figura de Semiramis. A ficção entremeia-se com a realidade nas minucias da sua historia semi-lendaria. Ella é filha da deusa Derceto. E' exposta ao nascer em um logar inhospito, onde as feras deviam devoral-a. Mas o destino velava pela filha da deusa. Fez, pois, suscitar algumas pombas que a reaquereram e alimentaram com leite tirado dos redis visinhos.

O intendente real descobre-a por accaso, e, achando-a d'uma belleza admiravel, leva-a para o palacio. Ahi desposa o rei d'Assyria, Ninus, e, elevada ao throno depois da morte d'este, sabe pela sua energia fundar um vasto imperio.

Tendo as suas victorias posto á sua disposição immensas riquezas, resolveu consagral-as a um monumento cuja magnificencia transmittisse o seu nome á posteridade. Fôram os jardins suspensos.

Estes jardins coroavam a cidadella. A sua base era um quadrilatero, tendo cada um dos seus lados uma largura de 120 metros. Subia-se para elles por degraus sobre terraços dispostos uns por cima dos outros, em amphitheatro. Estes terraços eram sustentados por columnas que se elevavam gradualmente, d'entre as quaes a mais alta media 50 metros. Esta supportava o cume do jardim. As plataformas dos terraços eram compostas de blocos enormes recobertos d'uma camada de cannas misturada com betume. Sobre esta camada repousava uma dupla fileira de tijollos cosidos, cimentados com gesso. Estes, por seu turno, eram recobertos com chumbo. Sobre esta cobertura achava-se espalhada uma massa de terra sufficiente para receber as maiores raizes.

As arvores estavam plantadas em filas rectilineas: platanos do Oriente e ulmos de folhas estreitas. A' direita e á esquerda das áleas estendiam-se bosques e massiços de flores. O ar estava como embalsamado, e ao cahir da tarde, quando soprava a brisa, toda a Babilonia era inebriada com estes perfumes exquisitos.

E' ahi que nós vamos imaginar Semiramis, tal como nol-a mostram os artistas e os poetas, vindo esquecer os cuidados do poder no seu E'den suspenso. Com um passo magestoso, seguida pelos seus officiaes, percorria o seu dominio aereo, admirando as magnificencias que ahi se haviam espalhado por ordem sua. A rainha quedava-se á sombra das arvores, divertia-se a seguir as figuras caprichosas que as flôres desenhavam no relvedo, e, cansada de passeiar, deixava-se cahir sobre um divan. Então uma orchestra de flautistas e guitarristas executava doces melodias, que a rainha escutava com ouvidos distraídos, misturando-se ellas com o murmuro das fontes que jorravam, alimentadas pelas aguas do Euphrates.

E, quando Babilonia era abrazada por um calor torrido, Semiramis gosava da frescura perfumada do ar.

Vestigios encontrados no local da antiga Babilonia attestam que os jardins ahi se dispozeram outr'ora por terraços maravilhosos. As arvores são mortas, os jactos d'agua emudeceram. Semiramis, mudada em pomba, deixou esta terra. Deve ella á creação dos jardins suspensos o facto do seu nome ter ficado celebre e sobreviver na memoria dos homens.

Foi das suas sombras mysteriosas, foi dos seus magicos bosques que a soberana de Babilonia voou um dia, radiosa na sua brancura de pomba, para o céu da lenda.

## LITTERATURA

## A lenda das gaiotas

Esvoaçando sempre, saltando um canto maguado e triste, todo queixumes e melancholia, lá vae a pobre gaiota por sobre as glaucas agúas do mar, como que a procurar alguma coisa ignota, parecendo prescru-tar os arcanos do profundo oceano...

Pobres aves marinhas!

Alli onde a vês, joven banhista, vae o mais alan-ceado coração d'uma mãe, entenebrecido pela mais cruenta viuvez e eternamente a chorar pelo seu filhinho morto.

A lenda attribue-lhe uma historia fabulosa que se diz ter succedido lá nos mythicos tempos antigos. Eil-a:

Alcyon tinha brotado de si um botão, loiro como um raio de sol, e rosado como as camelias.

O tenro infante tinha a casta ternura dos lyrios e a meiguice dos cherubins. Era a loucura de uma mãe e o idolo de um pae.

Para estes então corriam os dias serenos, á som-bra de copados bosques, e no ar parecia que brinca-vam as canções d'uma felicidade infinda.

Mas uma vez foi-lhes forçoso sulcar o mar trai-coeiro como o bandido e incomprehensivel como a es-phinge.

Semelhante a uma gondola deslizando mansamente nas aguas bonançasas d'um canal assim vogava a lati-na inflada, mar em fóra.

Mas de repente sopra o vento do tufão, e o fragil esquife, insufficiente para arrostar com todo o furor in-domito da procella, tomba alli nas aguas encapelladas.

Um grito cortante como a lamina d'um punhal re-tine por entre o fragor surdo dos elementos revoltos.

Era essa interjeição inanalysavel, era o grito d'uma mãe, presentindo a separação inevitavel e fatal do fi-lho estremecido.

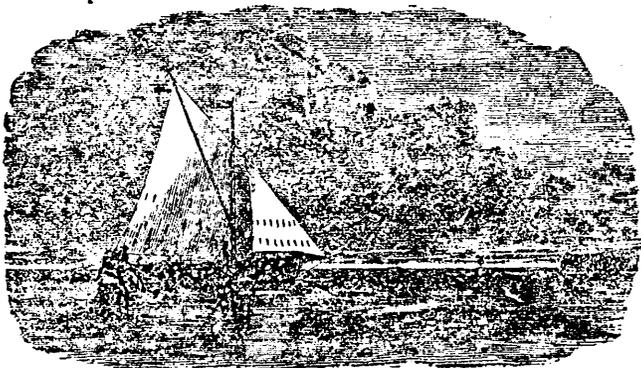
Depois, o mar, esse reprobado antigo, na sua furia insciente, arrojára á praia os corpos quasi exanimes dos infortunados paes; mas o filhito, oh! esse perde-ra-se para sempre nos abysmos insondaveis e myste-riosos do mar.

Assim que a infeliz mãe conhecera toda a enormi-dade da sua desgraça, enlouquecida pela dôr, ella va-gueava incessantemente pela borda do mar á procura do filho morto.

No seu delirio subia aos rochedos, desgrenhada e em desalinho como o phantasma da desgraça, sempre n'um clamor constante e lacrimoso, até que os deuses, compadecidos por aquelle immenso infortunio, meta-morphosearam-na em ave marinha, em gaiota.

Agora, joven banhista, sempre que vires uma gai-vota a esvoaçar pela orla rendilhada da praia acompa-nha um só momento em tua mente boa aquella dôr — a dôr suprema!

P.



## NOTAS SOCIAES

## Socialismo e anti-clericalismo

(De Max Turmann)

Na obra de deschristianisação, que prosegue actual-mente em França, é forçoso reconhecer que se faz sa-lientar pelo seu zelo ardente a grande maioria dos jor-naes e deputados socialistas.

Todavia, entre os collectivistas, alguns ha que, sem professar a menor sympathia pelas nossas crenças, consideram a guerra aos padres como um esteril deri-vativo para a *lucta das classes*.

São numerosos estes collectivistas, especialmente na redacção d'uma nova e entusiastica revista—*Mou-vement Socialiste*.

Um dos mais avisados collaboradores d'este perio-dico, André Morizet, concebeu ha pouco a idéa de abrir um inquerito ácerca do *Anti clericalismo e Socia-lismo*.

Estes são os termos em que elle expõe a genése da sua inquirição:— «A idéa de interrogar os principaes corypheus do Partido Socialista internacional sobre as relações entre o anti-clericalismo e o socialismo tem naturalmente a sua origem nas condições politicas actuaes da França e na attitude assumida, em presença da lucta suscitada pelo governo contra a Igreja catho-lica,—por um grupo notavel de politicos, que se arro-gam o direito de intervir em nossas doutrinas. Em lon-gas palestras, travadas este verão, durante uma viagem pela Allemanha, com alguns dos nossos camaradas d'além-Rheno, os quaes me deparava o acaso, era para mim uma continua surpresa vêr com que pasmo os so-cialistas allemães recebiam a noticia das manifestações, cujo echo lhes transmittiam os despachos da França.

Ao fazer a chronica do dia na praça da Concordia ou nas immediações da estatua de Etienne Dolet, sem-pre convinham todos em que só os socialistas é que se distinguem pelo seu furor anti-clerical. E sempre ou-via as mesmas perguntas:—«Mas que é que tem os so-cialistas de França para se lançarem assim no anti-cle-ricismo vulgar?» E, pouco a pouco, estudando com mais attenção a attitude que sempre tem observado a social democracia allemã na guerra contra a Igreja e o espirito religioso, parecia-me que não seria inutil aos nossos collegas francezes conhecer e apreciar o estado de espirito e as razões dos nossos camaradas da Alle-manha »

Mas o inquiridor francez não se contentou com in-terrogar sómente os collectivistas allemães; fez mais, enviou o seu questionario aos principaes revolucionarios de outros paizes, inserindo já os ultimos numeros do *Movimento Socialista* numerosas cartas procedentes não só de socialistas allemães, como Karl Kautsky e Vollmar, mas de socialistas belgas: Vanderveld e Des-trée; italiano: Enrico Ferri; hespanhol: Pablo Iglesias; inglês: Quelck.

\*

\* \*

Exprimem todos os correspondentes do *Mouvement Socialiste* dura necessidade é dizê-lo—a sua hostilida-de á Igreja, mas quasi todos têm que a guerra ao ca-tholicismo de modo algum pôde ser substituida pela guerra ao capitalismo.

Uma unica excepção se abre para um inglês, mem-bro da *Social Democratic Federation*, H. Quelch, que expõe esta opinião divergente:

«...A Igreja, diz elle, é um dos sustentaculos do capitalismo, e a real função do clero é sopitar a intel-

ligencia dos operarios e d'elles fazer doces escravos assoldados, pacientes e resignados com a sua sorte n'este mundo, na expectativa d'uma gloriosa recompensa no outro. Enquanto a Igreja tiver o espirito dos trabalhadores sob as suas garras, poucas esperanças sorriem de lhes emancipar o corpo da dominação capitalista.»

Em memoria da sua mentalidade, pareceu-me digno este inglês, de fazer parte da *Egalitaire* de Belleville ou da *Sociale* de Clignancourt.

A opinião, porém, dos outros correspondentes estrangeiros é singularmente differente, sendo prova, senão de muito melhores sentimentos para com o christianismo, ao menos d'uma habilidosa tactica muito superior.

E' logo em primeiro logar Pablo Iglesias, secretario do partido socialista operario hespanhol, que se recusa a crêr na sinceridade do anti-christianismo burguês. «Os elementos burgueses, apesar dos copiosos palavrões que dirigem contra a Igreja, não a combaterão senão nas suas tendencias á preponderancia exclusiva, ou nas suas pretensões a dividir o poder com os senhores da producção. De resto, sustenta-la-hão, alliar-se hão ainda a ella, desde que se comprometta a ter como unica missão o defender a ordem burgesa.»

E conclue o revolucionario hespanhol que «o clericalismo não pôde ser attingido mortalmente, em plena sociedade capitalista.»

\*  
\* \*

Mas quer-nos parecer que a opinião dos belgas e allemães ainda é das mais dignas de ponderação:

Ao inquiridor francez escreveu o deputado socialista da Belgica, Jules Destrée, que a seu vêr, é um erro perigoso «a pronunciada tendencia actual para crêr na união intima do socialismo com o anti-clericalismo.»

Explica nos outro deputado collectivista belga — e um dos mais famigerados, Emile Vandervelde — por que razão os seus amigos e elle reputam perigoso este anti-clericalismo grosseiro e violento.

Merece ser lido com attenção o seu arrazoado e, por analogia, d'elle colligiremos, para o nosso ponto de vista, algumas conclusões praticas.

Insiste primeiramente Vandervelde n'este facto — que o socialismo se propõe antes de tudo á libertação dos trabalhadores e que, «não obstante os factores multiplos que concorrem para a escravisação do proletariado, o mais decisivo, o mais essencial é o factor economico.» Cumpre, pois, sempre consoante ao deputado belga, que os trabalhadores «se agremiem politica e socialmente, no campo da luta das classes, e, ocioso é dizê-lo, tal agremiação só é factivel baseando-se nos interesses communs do proletariado, nas suas reivindicacões economicas e desviando d'estas, quanto possivel, as dissencões religiosas e philosophicas que são de molde a dividir a classe operaria.»

Comtudo, para que tenha azo de ser comprehendido este appello a todos os trabalhadores, «para que os obstaculos á união operaria sejam reduzidos ao minimum, é mister que todos possuam a certeza de que as suas convicções intimas, as suas crenças individuaes, não soffrerão affronta alguma; é indispensavel — diz ainda Vandervelde — que o partido socialista se conserve affastado de toda a politica sectaria, vexatoria, offensiva de opiniões ou sentimentos, que podemos, de direito, ter por falsos e até absurdos, mas que temos, por dever, de respeitar, quando se não pôde pôr em duvida a sua sinceridade.» (Continua.)

VARIA

## A vida e a felicidade

A vida é um mixto de sentimentos, ora tristes como a saudade por entes queridos, ora alegres como as notas musicas do santuario. A vida é um conjuncto de maguas, de luctas, de risos e de prantos.

Em todos os idiomas esta palavra significa lucta, trabalho, fardo, etc., apesar de n'ella transluzir um vislumbre de felicidade. A's vezes o nosso coração expande-se em vivos transportes de jubilo, parecendo-nos que a vida é apenas um bouquet de fragrantas flôres, — terrivel illusão que pouco dura; — outras vezes a nossa alma mergulha-se n'um oceano d'angustias e dôres acerbos, não antevendo no horisonte da vida nem a mais pequena scintilla de felicidade! Que lucta!...

Para que tantos anceios em procurar uma cousa que na vida não existe em toda a sua plenitude? Para que nos havemos de preoccupar a procurar a felicidade, se para ahi, no meio d'esse mundo, a tudo dão esse nome para illudir os incautos e inexperientes? A's riquezas, ás honras, aos divertimentos, chama o mundo, no excesso da sua loucura, felicidade. Bem emascara elle todas aquellas coisas que realmente atrahem a massa da humanidade, mas lá vem a occasião em que aquella mascara tão lisongeira cae e fica á mostra a futilidade, chimera e illusão que são as riquezas, honras e divertimentos. Oh! procuremos uma pessoa que faça o seu idolo dos bens da vida e ella que nos falle com a consciencia nas mãos, que de sua bocca só ouviremos: feliz o pobresinho que nada ambiciona; trocava a sua paz por toda a riqueza. A confirmar essa asserção está Salomão. Que ha na vida que seja duravel? Risos? Oh! logo os substituem prantos amargos. Prazeres, divertimentos ainda os mais puros e innocentes, são fumo que se esvae e os criminosos setta que fere e mata sem dó nem piedade.

Que ha, pois, na vida que não deixe recordações amargas? Ha felicidade que não se extingue a virtude, — prazer que não murcha — o cumprimento da lei, — recordações que não abandonam a nossa alma e que até parece confortal-a nos momentos angustiosos. Oh! quantas vezes, quando estou triste, me lembro d'uma emoção agradável que experimentei, das lagrimas de felicidade que tenho vertido, d'um dia feliz que tenha passado; e então levanto o meu pensamento a Deus e digo-lhe cheia de confiança e resignação: Bemdito sejas Senhor, em vossos insondaveis designios, pois que se nos daes dôres, immediatamente nos offereceis o balsamo da resignação com que se curam radicalmente. Se a tristeza e o desalento inundam a nossa alma logo nos apontaes para essa estrella de rutilante brilho — a esperanza, que sempre nos ampara e protege e nos deixa vêr a bonança que sobrevem depois das tempestades. Se densas trevas querem submergir nossa alma, mergulhando-a na duvida e confusão, deixando-a inquieta, vacillante e em tenebrosa treva, vindes, meu Deus, em meu auxilio com esse facho de luz celestial symbolisado na cruz — a fé — e a minha alma desvenda-se d'essa escuridão, e horisontes interminaveis de luz a fazem penetrar na mansão celeste onde habitaes e os vossos escolhidos, e descer ás tenebrosas regiões do inferno, habitação perpetua dos prevaricadores da lei divina.

Bem dita a religião de Jesus d'onde herdamos toda a felicidade perduravel n'essas tres rosas de suavissima essencia e aureo brilho que fazem toda a alegria e felicidade do christão—fé, esperança e caridade.

M. M.

AS NOSSAS GRAVURAS

## Claustro da Sé do Porto

(Vide n.º anterior)

Nucleo da primitiva cidade e edificada sobre um monte a que dá nome, a Sé portuense, cuja primeira fundação se attribue aos reis suevos no seculo VI, pregoa a vetustez da nobre cidade que foi berço do infante navegador. Quando o conde D. Henrique e a condessa D. Thereza se acharam investidos na posse do condado de Portugal, desde logo cuidaram piedosamente em reedificar completamente a Sé, o que se principiou a fazer, sendo bispo do Porto D. Hugo, acabando-se a reedificação já no reinado do primeiro Affonso. Da construcção d'esse tempo restam hoje unicamente as torres; tudo o mais é posterior. Por exemplo: a porta principal foi mandada edificar pelo cabido em 1717; o claustro foi construido em 1385; a capella de Nossa Senhora da Saude, jazigo dos prelados d'esta cathedral, em 1591; a capella-mór foi mandada fazer de novo em 1609 pelo bispo D. Gonçalo Mendes, que além de outras muitas obras tambem mandou reformar o côro.

Na capella-mór jazem os corpos dos martyres S. Pacifico e S. Aurelio. A capella do Santissimo tem retabolo, sacrario, docel, frontal, banquetta e alampadas de prata batida e primoroso trabalho artistico. Attribue-se a Raphael um painel de Nossa Senhora pendente na sacristia. O documento mais antigo que apparece no archivo da cathedral é o censual que principia por uma bulla de 1115.

Segundo D. Rodrigo da Cunha, o primeiro prelado portuense foi S. Basilio, discipulo do apostolo S. Thiago. No emtanto, o padre Rebello da Costa, na *Historia da Cidade do Porto*, pretende que o primeiro bispo se chamara Constancio.

O corpo de S. Pantaleão, medico e martyr, padroeiro da cidade, veio da igreja de Miragaya, onde esteve 46 annos, para a Sé em 12 de dezembro de 1499. O rei D. Manuel deu, para se depositarem as reliquias d'este santo, um rico cofre de prata, que foi roubado, depois de 1834!

Sabe se, pelos breviaros e missaes, que a sagração d'esta igreja teve logar a 9 de setembro, mas não declararam o anno. E', porem, muito provavel que fôsse em 1120, quando o templo se abriu á veneração dos fieis.

O claustro (ou *crasta*), representado na nossa gravura do n.º anterior, foi mandado fazer pelo Bispo D. João, 3.º do nome, em 1385, e para ajuda da sua construcção, deu a camara do Porto mil pedras de cantaria lavrada. E' formado de 304 columnas de pedra, tendo as paredes forradas de azulejos com boas pinturas, contendo varias scenas do Velho Testamento.

A cada um dos quatro cantos tem uma capella, e são —Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Espectação, Nossa Senhora da Esperança (dos morgados de appellido Brito e Cunha) e Nossa Senhora da Piedade. Pinho Leal diz que a capella de Nossa Senhora da Saude, tambem na crasta, é tão antiga como a igreja, pois já existia no reinado de D. Affonso Henriques, sendo en-

tão esta Senhora objecto de grande veneração dos fieis. Existe ahi um braço do martyr S. Vicente. D. Frei Marcos de Lisboa, sendo bispo do Porto, reedificou esta capella com grande sumptuosidade, em 1583, para ahi ser sepultado e os mais prelados seus successores. O primeiro bispo ahi sepultado foi D. Jeronimo de Menezes, seu successor.

O bispo D. Frei Gonçalo de Moraes mandou fazer na mesma capella um formoso carneiro, para n'elle se recolherem os ossos de todos os bispos seus antecessores que se achavam enterrados em diferentes logares da igreja, e elle se mandou enterrar no mesmo carneiro.

## A Caridade

Dizia S. Paulo, fallando aos corinthios: «Se eu fallar as linguas dos homens e dos anjos, mas não tiver caridade, sou como o metal que soa, ou como o cymbalo que tine. Se eu tiver o dom da prophacia, e conhecer todos os mysterios, e quanto se pôde saber; e se eu tiver toda a fé, até ao ponto de transportar montes, e não tiver caridade—não sou nada.» Segundo elle, a caridade é o symbolo de todas as virtudes:—a caridade é paciente, é benigna, não é invejosa, não é temeraria, nem precipitada, nem se ensoberbece. Não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade, tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre. Ou deixem de ter logar as prophacias, ou cessem as linguas, ou seja abolida a sciencia, a caridade ha de durar sempre.

Permaneçam a fé, a esperança e a caridade, porém d'estas tres virtudes, concluiu elle: «a maior, a que leva vantagem a todas—é a **caridade**».

A nossa gravura representa uma esculptura de Teixeira Lopes, o insigne artista portuguez.

## A abbadia de Hautecombe

A abbadia de Hautecombe é para os reis de Italia o que a Batalha é para os nossos monarchas—o seu Pantheon.

Construida pelos monges sobre umas penedias que o lago Bonget banha e como que repellida pelas florestas que descem das montanhas visinhas, é um logar solitario, ermo, onde o conde de Saboia, Humberto III, mandou sepultar a sua segunda mulher, Anna de Zoeringen.

Inconsolavel, Humberto, abandonando os seus estados, foi installar-se em Hautecombe, contando terminar ahi os seus dias. Eram esses logares melancholicos que quadravam com a sua dôr.

Não tardou, porém, que uma commissão formada pelo clero, pelos nobres e pelo povo viesse buscar o conde a esse logar onde elle contava gemer á vontade.

Aqui têm continuado a ser sepultados os principes de Saboia. A abbadia de Hautecombe está actualmente entregue aos monges cistercienses, os unicos em França que não fôram obrigados a dispersar pela ultima lei contra as congregações.

O mosteiro continúa a pertencer ao dominio particular de Italia. Os tumulos reaes os auctorisam a viver n'este rincão de terra bem melancholico.

Por isso se disse que a viagem de Victor Manuel a este piedoso logar, tumulo de seus avós, teria uma alta significação perante a politica de Combes:—Uma censura cruel áquelle que expulsou estes mesmos religiosos de outros mosteiros.

## BIBLIOGRAPHIA

**Flôres ao Sagrado Coração de Jesus**

Publicou ha tempos o benemerito editor catholico, o sr. José Fructuoso da Fonseca, um livrinho interessantissimo, que não pode passar desapercibido ás pessoas devotas, e a todas as que aspiram a sanctificar-se pela devoção ao Sagrado Coração de Jesus, a mais espalhada hoje no orbe catholico, e da qual tão proficuos resultados se tem colhido, para a salvação das almas e esplendor do culto.

Intitula-se o livrinho—*Flôres ao Sagrado Coração de Jesus*, coordenado por Monsenhor Manuel Marinho.

O auctor é, como se diz no prefacio, um catholico pratico, tão modesto como laborioso que, ha mais de trinta annos, se vem dedicando a obras prestimosas de boa propaganda e caridade christã.

Do revisor superfluo é falar, pois todos conhecem o piedoso annotador da *Imitação de Christo*, a quem o ex.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr. Conego Coelho da Silva, dignissimo Vigario Geral d'esta diocese, teceu o maior elogio, a que Monsenhor Marinho podia aspirar, dizendo:

«As notas, que acompanham os capitulos, são taes que algumas vezes parecem exceder o proprio texto.»

Publica o livrinho a Encyclica *Annum Sacrum*, em que o fallecido Pontifice ordenou preces publicas, por tres dias, e a consagração solemne ao Sagrado Coração de Jesus.

Em seguida publica tambem a piedosa Pastoral do então Vigario Capitular d'esta diocese, o já mencionado sr. doutor Coelho da Silva, mandando executar as determinações do Pontifice.

As meditações, divididas em tres pontos, são o que de mais bello e mais proprio a commover as almas se podia escrever sobre o assumpto. Inspirou-as o Sagrado Coração para por intermedio d'este livrinho, falar ao coração de seus filhos.

Segue-se á meditação um exemplo, sempre interessante, sempre piedoso, que não pôde lêr-se sem sentirmos acrisolar-se em nós o amor á religião divina, que taes actos inspira.

Para tornar o livrinho mais interessante e proveitoso ás almas, addicionou lhe o piedoso editor orações e piedosos affectos para antes e depois da Confissão e Communhão.

E' pois um livrinho que se lê e medita com gosto, e cuja leitura e meditação consola e ampara no meio das agruras da vida.

**A Alma aos pés de S. José**

No anno passado publicou o sr. Pereira de Castro, o bem conhecido e dedicado editor da Povoá de Varzim, um livro sobre S. José, a que não posso deixar de referir-me com louvor, rendendo assim homenagem ao santo do meu nome, que aprendi a venerar desde a infancia.

E' destinado a sanctificar-se o mez de março e tem por auctor o Padre Larfeuil e traductor o sr. Padre Cascão d'Araujo, cujas traducções vão sendo cada vez mais primorosas.

Parece-me que depois d'este livro nada fica por dizer a respeito de S. José.

Suas grandezas, provações, virtudes e culto—tudo é objecto de suaves e desenvolvidas meditações onde a alma se eleva até o throno do glorioso santo, e ahí fica extatica, meditando em virtudes tão sublimes, expostas em linguagem deliciosa, que prende o coração e encanta os sentidos!

E que direi dos exemplos?

Não se cança a gente de lê-los, e quanto mais os lê mais dominada se sente pela devoção ao castissimo esposo de Maria Santissima.

E' um formoso livro, que termina por varias devoções, mui piedosas, concernentes á sanctificação das almas.

**A Mulher na escola de Maria em todas as condições**

E' publicado pelo mesmo editor, seu auctor é o mesmo Padre Larfeuil, e a traducção anonyma é correcta e elegante.

E' complemento de outro livro—*A Donzella na escola de Maria*—cuja publicação o auctor annunciou, mas que ignoro se já foi publicado.

O Sr. Arcebispo de Sens, approvando este livro do seu Vigario Geral, diz que elle—«como todos os que o precederam, não respira sómente em cada pagina, em cada linha, a piedade mais dôce e mais sincera; distingue-se sobretudo, pelo seu lado pratico, cuja utilidade nos parece grande.»

Não conheço livro algum abreviado, em que a mulher possa estudar melhor os seus deveres de esposa, de mãe e de viuva, e beber mais consolações, para resistir aos males da vida.

Maria é-lhe apresentada, como modelo em todos estes estados; e as considerações, os colloquios respiram tanta piedade, tanta unção, tanto conhecimento do coração humano e da vida pratica, que é impossivel deixar a gente de sentir-se commovida com tão saudaveis conselhos e regulamentos tão prudentes e accommodados ás necessidades da vida.

Termina cada colloquio por um ramo espirital.

Estuda o auctor as propriedades, as bellezas de uma flôr, de um arbusto, ou de uma simples planta; e d'alli tira piedosas comparações, preciosas virtudes, que offerece á consideração de suas leitoras, para serem imitadas.

E' bello e engenhoso!...

Na quarta parte trata das vantagens e caracteres da piedade; e na quinta, da perfeição christã, exemplificando suas instrucções com factos da vida de Maria Santissima.

Quem me dera que este livrinho andasse nas mãos de todas as mulheres, que não se veriam tantas desordens domesticas, tão descurada a educação dos filhos, tantos desesperos nas adversidades, tanto desleixo na propria sanctificação e tanto descuido nos meios de alcançar a vida eterna.

A «Mulher na escola de Maria», é o verdadeiro livro d'ouro da mulher. Fossem suas doutrinas observadas, e a sociedade estaria em breve regenerada.

(Continua.)

José Victorino de Carvalho

Abbate de Mancellos.

Com a regularidade costumada, recebemos mais um fasciculo, o n.º 45, do esplendido *Diccionario Apologetico da Fé Catholica*, cujo summario dos artigos é o seguinte:

*Redempção*:—defesa e explanação do genuino conceito d'este dogma fundamental do Christianismo, em resposta ás principaes objecções dos racionalistas.

*Reis (direito divino dos)*:—exposição do verdadeiro pensar da Igreja catholica sobre este caracter da soberania real.

*Religião em geral*: explanação summaria sobre este ponto fundamental da apologetica catholica.

*Religiões primitivas, Avestica, da Chaldéa, da China,*

do *Egypto*, da *Grecia* e de *Roma*, com indicação summaria dos seus deuses.

Continua a assignatura aos fasciculos ou volumes, para os poucos exemplares que ainda restam.

Editor Antonio Dourado—Rua das Flores n.º 42, 1.º —Porto.

DE TUDO UM POUCO

## Hymno da natureza

Durtal, terminada a missa, abandonou a capella e lançou-se para o parque.

Então, dôcemente, sem efeitos sensíveis, o Sacramento começou a actuar; Christo abriu, a pouco e pouco, este aposento fechado, e arejou-o; a luz do dia entrou ás ondas em Durtal. Das janellas dos seus sentidos, que iam nbsaguar até então sobre não sabia que escoadouro, sobre dee cerrado humido e mergulhado em sombra, contem-

plou subitamente, n'uma restea de luz, a fuga a perder de vista do céu azul.

A sua visão da natureza modificou-se, os ambientes transformaram-se; esse nevoeiro de tristeza que os velava desfez se; a illuminação subita da sua alma derramou-se pelos seus contornos.

Teve a sensação da alegria quasi infantil do doente que faz a sua primeira sahida, do convalescente que, depois de se ter arrastado pelo seu quarto, põe emfim os pés fóra; tudo se havia rejuvenescido. Estas áleas, estas mattas que havia percorrido, que começava a conhecer em todos os seus esconderijos, em todos os seus recantos, appareceram lhe sob um outro aspecto. Uma alegria moderada, uma doçura recolhida emanava d'este retiro, que lhe parecia approximar-se em vez de se estender como d'antes, conglomerar-se em torno do crucifixo e convergir attentamente para a cruz liquida.

As arvores murmuravam, trementes, n'uma aragem de orações, inclinavam-se deante do Christo que já não estor-



Abbadia de Hautecombe

cia os seus braços dolorosos no espelho do lago, mas estreitava estas aguas, e achegava-as a si, abençoando-as.

E até ellas já differiam do que eram; a sua côr de tinta negra enchia-se de visões monachaes, de habitos brancos que o reflexo das nuvens, ao passar, ahí deixava, e o cysne esparrinhava-as, n'um esbatimento de sol, e fazia, ao nadar, correr adeante de si grandes circulos concentricos com uns laivos de azeite.

Dir se-hia que estas ondasinhas eram douradas pelo oleo dos catechumenos, pelo Santo Chrisma, que a Igreja prepara no sabbado Santo; e por cima d'ellas, o céu entreabriu o seu tabernaculo de nuvens, d'onde sahio um claro sol, semelhante a uma hostia de ouro em fusão, a uma custodia em chammas.

Era uma saudação da Natureza, uma genuflexão de arvores e flôres, cantando no vento que passa, incensando com os seus perfumes o Pão sagrado que resplandecia lá no alto, na pyxide abrazada do astro.

Durtal contemplava tudo isto, transportado. Tinha impetos de gritar a esta paisagem o seu entusiasmo e a sua fé; experimentava emfim um gosto de viver.

J. K. Huysmans. («A Caminho»).

Calendario:

Novembro
15
1903

Assassinato do conde Peregrino Rossi, celebre economista e estadista italiano, em 1848.

Nasceu Rossi em 1787. Entrando na advocacia em Bolonha no anno de 1807, adquiriu grandes creditos, sendo nomeado professor de direito da universidade. Associando-se em 1815 ás tentativas de Murat a favor da liberdade e da unidade italiana, exerceu por algum tempo um cargo importante; teve, porém, de emigrar depois da derrota do rei de Napolés, refugiando-se em Genebra.

Depois de ter passado ahí uma vida agitada, entrou

de novo em Roma, sendo recolhido pelo Papa Pio IX, que o nomeou seu primeiro ministro em setembro de 1848, contribuindo depois bastante para as reformas realizadas por este Pontífice.

O estabelecimento do governo constitucional em Roma era obra de Rossi, que pretendia consolidar o mesmo no meio da agitação que a revolução de fevereiro havia produzido na Italia. No meio da sua obra succumbiu d'um modo tragico. Quando se dirigia para a assembleia dos deputados a fim de lhe fazer communições importantes, um soldado de bersaglieri feriu-o mortalmente com um punhal mesmo nos degraus do palacio da camara. Parece que a este crime não foram estranhas as sociedades secretas italianas.

Como homem de sciencia, Rossi seguiu os principios que fôram a sua norma em politica e, apreciando os trabalhos do notavel economista, diz Mignet: «Procurando a verdade por toda a parte, tratou de operar, entre os diversos systemas, transacções semelhantes ás que recomendava nas suas leis e foi esse o merito rarissimo dos seus numerosos cursos de direito, de economia politica e de historia. Dotado de uma intelligencia malleavel e forte, alliando a imaginação ao bom senso e o arrojado ao calculo, Rossi foi um theorico circumspecto, um professor consummado, um legislador conciliador e um politico generoso.»

Eis o retrato moral do primeiro ministro de Pio IX.

Deixou publicados: *Tratado de direito penal*, *Curso de direito constitucional*, incompleto; *Curso de economia politica*; dois volumes de *Miscellanea*, e foi um dos redactores dos *Annaes de legislação e de economia politica*, publicados em Genebra de 1819 a 1821.

#### Curiosidades:

Em todas as linguas, diz um erudito escriptor, os nomes de Deus significam alguma das suas infinitas perfeições.

Em latim *Deus*, em portuguez *Deus*, em hespanhol *Dios*, em francez *Dieu*, em italiano *Dio*, nomes todos derivados do grego *Theos*, que quer dizer *Temor* — porque Deus é o *Forte*.

Os hebreus chamavam a Deus — *El*, *Elion*, *Adonae*, e *Jehova*. *El* quer dizer *Forte*. *Elion* quer dizer *Excelso*. *Adonae* quer dizer *Senhor*. *Jehova* é nome por excellencia, o sagrado *Tetragrammeton* (nome de quatro letras), e significa — *O que será sempre*, isto é — o *Eterno*.

Os assyrios chamavam a Deus *Ahad*, que significa *Uno*, e os persas *Choda*, que tambem vale o mesmo que *Uno*.

Os abexins — *Emlach*, e os antigos ethiopes — *Amalacha* que quer dizer *Rei*. Os armenios — *Actaz*, isto é — *Fogo*.

Os allemães *Gott* (Bom), e os inglezes *God* (Bom). Os habitantes da Islandia *Bud*, os esclavonios *Bug*, os croatas e dalmatas *Bog*, e os bohemios *Buh*, que tudo quer dizer *Deus Bom*.

Na lingua cantabrica ou vascoense, Deus chama-se *Jaincoa*, de *Janna*, que vale o mesmo que *Senhor*. Na Laponia chamam a Deus *Jumala*, isto é, *Celeste*. Os turcos — *Tangri* — *Senhor do mar*. Os tartaros — *Natigai* — *Senhor da terra*. Os sarracenos — *Abgd* — *Bom pae*. Os calicutanos chamavam-lhe *Tamerani*, que é o mesmo que dizer *Oculto*.

Os japonezes — *Deniche* — *Illustre*. Os cafres — *Guighimo* — *Senhor dos céus*. Alguns povos da America — *Zini* — *Resplendor*. Na Nova Zembla — *Tuira* — *Creador*. Alguns povos da India — *Esqi Abri* — *Creador do Universo* — Os indios do Brazil — *Tupá* — *Excellencia*. No Perú *Ticemira-rocha*, em Moçambique *Techi*, na Hispaniola *Guamiaocon*, e nas Terras de Monomotapa *Motimo*, todos nomes

que alludem á grandeza, sabedoria e omnipotencia divina.

#### Notas de sciencia:

O tabaco só é perigoso para os que o fumam mal, que mastigam o charuto e infectam de nicotina as membranas da bocca. Cada fumada que elles aspiram é um veneno que introduzem no estomago, tanto mais facilmente que a nicotina mistura-se com a saliva. Quando se fuma, a nicotina reune-se immediatamente atraz da parte queimada do tabaco e a cada fumadella impregna-se de nicotina e de outros elementos inherentes ao tabaco, por assim dizer: ammoniaco, acido carbonico e outros. Resulta d'aqui que as pontas do charuto não só teem mau gosto, mas que são perigosas de fumar, pois acham-se cheias de veneno, succedendo o mesmo nas pontas do cigarro e nos restos das cachimbadas. Portanto, nunca se deve fumar um cigarro, um charuto, uma cachimbada até ao fim.

O cigarro é mais perigoso para a saude que o charuto ou cachimbo, porque o papel, queimando-se, desenvolve o oxydo de carbono, muito nocivo, ao mesmo tempo, para os pulmões e os olhos. Tambem é anti-hygienico estar-se em um aposento cheio de fumo de tabaco. Quando se sentirem picadas nos olhos, deve-se logo abandonar esse local.

#### Pensamentos:

Santo Agostinho, abrasado do reconhecimento dos beneficios recebidos de Deus, exclama: Senhor, de que vos sirvo?! Para que vos presto?! Assim o devemos todos fazer, pois que tudo devemos a Deus (\*\*\*)

Como a rosa entre os espinhos assim a castidade se defende entre recatos. O recolhimento e a modestia são a casca da continencia: e a fructa sem casca facilmente se corrompe. (Padre Famiano Strada).

E' certo que, estando nós n'este mundo cheio de iniquidades e cercados de attractivos das cousas temporaes, não podemos passar os nossos dias sem padecer algumas tentações, e ainda receber algumas feridas, para cujo remedio é efficaz a oração continua, a abundante esmola e o jejum rigoroso; porque estas tres cousas, unidamente praticadas, agradam a Deus, extinguem o peccado e suplantam ao demonio. (S. Leão Magno).

Um philosopho, perguntando-lhe um rei que cousa era homem, respondeu: — E' escravo da morte, hospede do logar, caminhante que passa. (Selecta Classica).

#### Versos escolhidos:

##### **DOLORA** (De Campoamor)

Carolina, pobre amiga,  
Oh! jámais te hei de olvidar!  
— Vêde o que o mundo dizia  
Quando o enterro ia a passar:

Um padre: «Comece o canto»  
O doutor: «Já não padece»  
O pae: «Afoga-me o pranto!»  
A mãe: «Meu Deus, se eu morresse!...»

Um rapaz: «Tão enfeitada!»  
Um mancebo: «Era tão bella!»  
Uma joven: «Desgraçada!»  
Uma anciã: «Feliz foi ella!»

Dorme em paz! os bons repetem.  
Adeus! dizem os demais.  
Um philosopho: «Um ser de menos»  
Um poeta: «Um anjo mais!»

## Humorismos:

A' mesa d'um hotel um padre estava sendo troçado e chasqueado, mas sem se importar ia comendo tranquillamente.

—O senhor não ouve o que têm estado a dizer a seu respeito?—perguntou um visinho.

—Ouço muito bem, mas não me incomodo. Eu estou affeito.

—Que? Está affeito?

—Ora se estou! Sou capellão d'um hospital de alienados...

## RETROSPECTO DA QUINZENA

Eis-nos em pleno tempo outomnal! A natureza agora é toda encantos e melancholia. Esta ultima palavra entre-vê mol-a no amarellado da vegetação, no tristonho canto das avesinhas, nos obliquos raios do sol e na espessa bruma das noites. O estio é bello, a primavera fascinadora, o inverno veneravel, mas o outomno é isto tudo. O estio encanta-nos, a primavera seduz-nos, o inverno sensibilisa-nos, mas o outomno arrebatá nos. Em face da sublime harmonia d'esta estação, a nossa alma ora se dilata, ora se comprime, desejando absorver em si tudo o que vê; sente um vacuo immenso que não póde prehencher, vda nas azas da imaginação em procura de mundos desconhecidos, volta á realidade, fita os objectos que a transportaram, inclina-se e ora. E' que a fronte pallida e contemplativa do outomno tem um não sei quê de grande que nos inspira e faz scismar. Oh! o outomno...

Lêmos no *Seculo*:

«Desde 1872, em que fôram iniciadas as missões em Angola, tem ido para aquella provincia 114 missionarios, 99 auxiliares e 79 irmãs educadoras. D'este pessoal morreram ali 26 missionarios, 14 auxiliares e 12 irmãs (52 sobre 289). Ha actualmente em Angola 24 missões do Espirito Santo:—Landana, Cabinda, Luali, Lucalla, Malange, Kanamboá, Mussuco, Libollo, Caconda, Bailundo, Bihé, Catoco, Caseinga, Massacas, Quanhama, Huila, Mohyno, Tyivingiro, Jau, Kibita, Vymania, Gambos, Heteve e Hinga, occupando 57 missionarios, e 66 irmãs educadoras.

Educam 1:110 alumnos internos, 245 externos, 632 alumnas internas e 155 externas. Formaram-se 29 catechistas e fundaram-se 25 aldeias christãs, sendo 62 o numero de aldeias catechizadas. Em Landana existe um seminario indigena e uma escola feminina, em Cabinda e Luali duas escolas femininas, em Loanda uma escola feminina, em Mussuco, Libollo e Caconda tres escolas femininas, em Mossamedes um instituto escolar, na Huila um seminario e uma escola feminina. Os padres do Espirito Santo possuem na metropole—a escola agricola colonial de Cintra e o seminario da Formiga. A dotação official de toda a obra de missões do Espirito Santo é de 52:000\$000 reis. A sua despeza eleva-se a 76:467\$500 reis, o que representa um *deficit* de mais de 24:000\$000 reis?

Revejamos se n'este espelho os espiritos liberaes que ousam negar o valor das missões religiosas no ultramar.

Estamos no tempo dos congressos. A necessidade da federação das forças e obras catholicas faz-se sentir por toda a parte, e por toda a parte se desenvolve um movimento n'este sentido, um movimento extraordinariamente animador que muito promette para o avassallamento do espirito social do christianismo nas novas gerações.

Acaba de se realizar em Malhouse a federação dos Circulos Catholicos da Alsacia.

Ficam sendo representados n'esta federação 37 circulos de juventude e 30 de operarios com um effectivo de 10:000 homens.

Com estes elementos contam os catholicos da Alsacia dar combate ao socialismo que ultimamente tinha lá assentado arraiaes.

Passando da Allemanha para a Italia, tambem ahi os catholicos desenvolvem uma actividade extraordinaria.

Dentro de breves dias reunir-se ha um grande congresso em Bolonha.

Tendo em vista preparar os trabalhos d'este congresso, reuniram ultimamente, em Lettignano, perto de Florença, cincoenta e duas associações catholicas florentinas, no numero das quaes entravam commissões parochiaes, circulos democraticos christãos, uniões profissionais e associações operarias d'homens e mulheres.

A alma d'este congresso, como de todos os que reu-nem sob os auspicios da Obra dos congressos, é o conde de Grosoli.

O pontifice dignou-se abençoar os catholicos de Lettignano, animando e admirando os esforços que empregam para que este congresso seja d'um grande alcance pelos seus resultados praticos.

Outro congresso importantissimo, e não de menor alcance, se abriu no dia 27 do mez passado na capital franceza—o congresso dos juriscultos catholicos.

E' o vigesimo setimo congresso que realisam.

Este ultimo congresso teve especial brilho pelas altas questões lá versadas e pelo modo como foram tratadas.

Mereceram especial discussão os principios de governo, a liberdade individual, o modo de eleger o presidente da republica e muitissimos outros assumptos de verdadeira actualidade e interesse.

Acaba tambem de realizar-se em Paris um congresso importantissimo pelo seu alcance moral e social—o congresso internacional dos quintaes para operarios.

Já havia para estes a obra dos bairros operarios, mas ainda com os inconvenientes da falta d'um terreno adjacente que pelo seu amanho prehenchesse os ocios do operario em vez da taberna.

Para remediar este grande mal é que o Padre Lemire, cujo retrato publicamos, imaginou os quintaes operarios, que não só tornarão as habitações mais hygienicas, mas levarão ao operario uma certa economia no seu diario. Este Congresso, ce que foi alma o eminente sociologo Padre Lemire, agrupou á volta do seu ardente e tenaz promotor as mais altas, as mais diversas e até imprevisitas sympathias.



PADRE LEMIRE

Entre os congressistas via-se o Bispo Latty, representando dez outros seus collegas; o eminente homem de estado Beernaert da Belgica, sociologos celebres, como Jorge Picot, Brunhes, Salatin, o representante da Cruz

Vermelha allemã, Bielefeldt, o doutor Calmette que o Porto bem conhece, politicos coma Aynard, Curverville, academicos como Brunetiere, que produziu um bellissimo discurso, emfim, muitissimos homens distinctos, vindos de paizes e politicas differentes para applaudirem e secundarem uma obra altamente social.

Talvez alguém pense que pôr um quintalinho á disposição do operario, é sonho generoso sim, mas irrealisavel.

O Congresso a que alludimos quiz demonstrar o contrario com o mais eloquente dos argumentos. 6167 quintaes foram formados onde 43:000 pessoas encontram a assistencia mais sã e mais moral e por consequencia mais proficua—a assistencia pelo trabalho da terra.

E' tristissima a situação dos habitantes da ilha de Porto Santo. A fome ahí faz-se sentir com tal intensidade que a maior parte d'aquella gente está prestes a morrer de inanição á mingua de recursos. A prolongada estiagem foi que originou o mal estar presente. Os proprietarios agricolas não podem empregar os trabalhadores nos misteres do campo, d'onde resulta mais uma causa da miseria que alastra pela ilha. Para o Funchal tem ido muitas familias em busca de trabalho, mas como ahí tambem este escaecia, vêm se obrigadas a estender a mão á caridade publica. A auctoridade superior do districto não se preoccupa com o que está succedendo, nem ainda tomou as providencias necessarias para debellar o mal. Como perfeito contraste, ergue-se o sublime procedimento do venerando Bispo, D. Manoel Agostinho Barreto, que n'uma pastoral, lida em todas as egrejas, solicitou auxilios para os famintos, recommendando aos seus coadjuutores a abertura de subscrições para esse fim. Bem haja o nobre Bispo em socorrer os seus filhos desvalidos.

Sabemos que no arcyprestado da Pesqueira já còmeçou a ser assignada a representação, elaborada pelo clero de Guimarães, e que vae ser promovida essa assignatura em Fozcôa, Mêda, Moimenta da Beira, Penedono e outros concelhos. Bom é que este movimento se estenda por todo o paiz. O clero precisa d'estar unido para reivindicar os seus direitos, porque, se não houver esta união, as reclamações isoladas não serão attendidas. A'vante, pois.

No jornal hespanhol *El Siglo Futuro*, Julio Monzó dedica um bellissimo artigo aos catholicos portuguezes. Julio Monzó agradece a prova de solidariedade que os catholicos deram, enviando por meio dos seus jornaes o seu protesto contra os inqualificaveis selvagismos de Bilbao. Merece lhe especial menção, entre os catholicos portuguezes que mais se empenham pelo desenvolvimento da imprensa catholica, o Padre Benevenuto de Sousa, director do *Petardo*, e um dos fundadores do *Grito do Povo*. Recordamos os bons serviços que *Nemo* prestou á causa catholica no *Correio Nacional*, apresenta varias causas que têm influido no progresso da educação ecclesiastica em Portugal, e mostra o grande incremento que os circulos catholicos tem tomado entre nós.

O imperador Guilherme, passando por cima dos respeitoos humanos que tantos homens inutiliza, não se intimidada de em publico dar francas provas da sua firme crença.

Em 24 de outubro inauguraram-se dois monumentos, um a Frederico o Grande, que por muito tempo viveu no castello de Kutrin, e o outro ao fundador d'esse castello, que adoptou esta divisa: «Solus spes mea Christus». Guilherme II, fazendo o elogio d'este ultimo, disse: «Elle mostrou que a divisa dos Hohenzollern tambem era a sua.»

Estas palavras tem pleno complemento nas outras

pelo mesmo imperante pronunciadas no banquete celebrado para solemnizar a primeira communhão dos seus dois filhos menores.

«Meus filhos: o vosso capellão, no seu magnifico discurso, bem vos fez notar os grandes esforços que deveis empregar para serdes verdadeiros homens, porque homens, em toda a extensão da palavra, devem ser os fieis christãos nas circumstancias prosperas ou adversas da vida.

As palavras humanas não teem jámais a efficacia das palavras do Salvador. Palavra alguma vinda d'um homem alcançaria poder bastante em nossos dias para entusiasmar as gentes de todos os povos e de todas as raças, como alcançava em outros tempos a palavra de Christo, a ponto de levar os homens ao martyrio e á morte por esse Salvador. Este milagre não se pôde demonstrar senão pelo facto das palavras de Jesus Christo serem palavras de vida eterna.

Toda a vida humana e mui especialmente toda a vida intellectual e laboriosa deve ser, quanto possivel, uma imitação da vida de Jesus Christo.

Aconselho-vos de todo o meu coração a que trabalheis e trabalheis sem tregua nem descanso, porque n'isto consiste a essencia da vida christã. Aquelle que leva uma vida ociosa é cruelmente castigado. Se vos esforçardes por ser homem á imitação de Christo, desempenhando a missão que elle vos confiou no mundo, podereis então descansar tranquillios, porque tereis cumprido o vosso dever.»

Foi muito festejada pelos seus diocesanos a data natalicia do venerando Bispo do Porto. Além de innumerios telegrammas e bilhetes de felicitações enviados a S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, que anda actualmente na sua visita pastoral, houve um luzido festejo na igreja da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, o qual constou de missa solemne com SS. exposto, sendo celebrante o rev. Conego Vigarario Rodrigues de Souza.

A *Palavra*, o *Grito do Povo* e o nosso jornal publicaram bellissimo retratos de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> com artigos allusivos a tão fausta data. Repetimos ainda as nossas saudações *ad multos annos*.

Tambem o illustre e venerando Bispo de Coimbra introduziu no seu seminario diocesano as cadeiras de ensino social e agricola. Não nos causou estranheza tal facto, porque já sabiamos quanto S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> vela pela illustração dos seus padres, como ainda sabiamos as arrojadas iniciativas que honram a estada de tão preclaro Antistite na cadeira coninbricense. Bem haja pois S. Ex.<sup>a</sup>

Por tratar superiormente d'um assumpto momentoso, transcrevemos com a devida venia do nosso presado collega «A Palavra» o primeiro artigo do presente numero, para o qual chamamos a attenção dos nossos leitores.

Aos nossos presadissimos collegas na imprensa catholica agradecemos penhorados as palavras de amistosa e leal camaradagem com que noticiaram a nova direcção do nosso jornal.

## Aos nossos distinctos collaboradores

Tencionando nós publicar um n.º commemorativo do **Natal**, pedimos por este meio a valiosa cooperação dos nossos distinctos collaboradores, e fim de que elle saia o mais condigno possivel com a data que festeja e com a boa vontade que nos anima.

Recebemos e agradecemos:

—Relatorio do Conselho Central e Parecer do Conse-

*lho Fiscal da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, relativos ao anno economico de 1901-1902.*

—Cadernetas 3 e 4 da *Theologia Moral Universal* de Pedro Scavini.

—O n.º 244 da exoellente revista mensal hespanhola «El Eco Franciscano», que se publica em Compostella, pelos religiosos da Ordem de Menores da Provincia Seraphica de S. Thiago.

—O n.º 9 da soberba revista mensal illustrada «Echos de Roma», publicada na capital do mundo catholico pelos alumnos do Collegio Portuguez.

—O n.º 10 da bem redigida revista mensal illustrada «Boletim Salesiano», publicada em Turim.

—O n.º 1716 do primoroso semanario illustrado «Revista Popular» que sahe a lume em Barcelona.

## ESTUDOS

### A Imprensa

#### III

O jornal fóra da Europa.—A Asia e a sua imprensa.—O jornalismo na China; lei de imprensa tradicional com a decapitação por castigo maior.—Jornaes das colonias europeas.—O Japão.—Um paiz asiatico civilisado.—A imprensa japoneza e os seus progressos desde 1894.—Tiragens extraordinarias e honorarios mais extraordinarios ainda.—Estatistica das publicações japonezas.—O jornal em Africa: o *Wolkstein* e as suas vicissitudes.—Imprensa americana: os collossos do formato.—Expedições reclame.—*New-York-Herald*.—Jornaes portuguezes.—Imprensa brasileira e sua historia.—Mexico, Panamá e republicas sul americanas.—O jornal na Oceania.

Fóra da Europa e d'um ou d'outro paiz da America, onde a civilisação já penetrou a jorros, a imprensa é uma instituição quasi desconhecida. Na tarefa, que nos impozemos, de colligir todos os apontamentos que por ahí teem sido disseminados, em livros e revistas, ácerca da imprensa, não queremos todavia omitir o pouco que ha a dizer sobre o jornalismo extra europeu, n'uma rapida revista pelas restantes quatro partes do mundo.

Diz a tradição que a China é o paiz creador dos caractéres moveis, extraordinaria invenção que havia de operar uma revolução na humanidade. Todavia a Asia é uma região immensa, ainda hoje fechada em grande parte ao progresso, e onde o jornal não se tem desenvolvido, quer litteraria, quer industrialmente.

Na China existe ha mais de mil annos, talvez, um jornal impresso em papel de sêda de circulação limitada. Mas esse periodico era, no principio, o que é hoje ainda: uma compilação de ordens dos imperadores e dos successos notaveis de Pekim. A redacção do jornal é um cargo official commettido apenas aos lettrados e aos sabios doutores de Confucio. Um erro que apparecesse no jornal pagava-se outr'ora com a cabeça, apezar das gralhas serem faceis na composiçãõ d'uma lingua cujo alfabeto tem a insignificancia de 80:000 letras, algumas d'ellas extraordinariamente parecidas. Os poucos jornaes que existem na China pertencem aos estrangeiros; e nas colonias proximas (Macau, Hong-Kong, etc.) tambem se publicam jornaes redigidos em linguas europeas. O que se diz da China pôde applicar-se ao resto do continente asiatico; só onde ha nucleos de colonisação europeã é que se publicam periodicos. Em Bombaim, grande cidade ingleza do Hindustão, ha hoje uma imprensa diaria muito desenvolvida.

Apenas o Japão faz excepção á regra geral. Pôde-se affirmar que, até ao anno de 1868, em que a revolução lançou o Japão no caminho do progresso europeu,

aquele paiz não conhecia a imprensa. N'aquelle anno appareceu o primeiro jornal japonez. Durante os primeiros tempos a tentativa não deu resultados animadores; o jornal fundado em 1868 não prosperava, e só annos mais tarde é que appareceram uma meia duzia de periodicos, de circulação escassa e pessimamente feitos. N'esse tempo, o periodico que mais tirava não excedia a oito ou dez mil exemplares para todo o imperio.

A guerra de 1894, que registrou a superioridade dos japonezes sobre os chinezes, desenvolveu no Japão o entusiasmo pelos costumes europeus. E esse desenvolvimento accentuou-se de tal fôrma que a imprensa foi a primeira instituição que sentiu essa influencia. Actualmente existem 2:000 publicações chinezas no Japão, das quaes mais de 600 são periodicas. Só em Tokio, capital do imperio do *mikado*, publicam-se 20 diarios, dos quaes um é redigido em inglez, mas por escriptores japonezes. Os restantes são compostos no que se chama a linguagem escripta, que differe muito da linguagem fallada nos negocios, o que constitue uma das razões porque a grande massa do povo não lê os periodicos.

Mas, ainda assim, ha no Japão jornaes que tiram 100:000 exemplares, como o *Jarazon*, o *Tchobo* e o *Osaka Asaki*. Occupam-se de assumptos diversos, commercio, politica, arte, sciencias, etc. Entre os grandes periodicos só ha um, o *Dji-dji-Shimpo* (O Tempo) que possui um serviço telegraphico bem organizado, dando noticias de todo o mundo. Pelo que respeita a ordenação dos, o pessoal está largamente pago; o mais modes dos redactores cobra uma mensalidade de 300 francos ou sejam 600000 reis da nossa moeda — o que entre nós não ganha um director de jornal... Dos 2:000 jornaes que existem no Japão, 400 são escriptos em inglez e hollandez.

Na Africa é claro que só nas colonias europeias se publicam jornaes. O jornal mais importante de toda a Africa era, até ha pouco tempo o *Wolkstein*, órgão da republica do Transwaal, jornal que editava um supplemento especial para a Europa. escripto em francez e intitulado *La Semaine*. Este jornal desapareceu durante a guerra anglo-transwaliana, e pensa-se agora em reatar de novo a sua publicação. No Cabo, no Natal, nos protectorados francezes do norte e no Egypto publicam-se jornaes diarios; e é rara a colonia que não tem um órgão semanal ou quinzenal.

A imprensa americana é hoje uma das mais bem feitas que se conhecem, sobretudo a do Estados Unidos. N'este paiz a imprensa appareceu bem cedo e fructificou com raro esplendor. Os jornaes mais antigos que se publicaram nos Estados Unidos foram: a *Gazeta de Portsmouth*, que começou a vêr a luz publica em 1756 e antes a *Flôr de Maio* e *Occorrencias publicas de Harris*, que appareceram em 1673 e 1690 respectivamente. Em 1704 appareceu *The Boston News Letters* e a *Gazeta de Boston* em 1715. As *Noticias correntes da Nova Inglaterra* começaram a sua publicação em 1721, sendo sua fundadora a familia de Franklin. Este grande sabio fundou, alguns annos mais tarde, a *Gazeta da Pennsylvania*.

Desde o principio do seculo passado que os jornaes tomaram na America um incremento notavel. Para dar uma ideia do desenvolvimento e progresso da imprensa da União vamos citar alguns numeros, muito significativo no seu laconismo. Em 1774 havia nos Estados Unidos 44 jornaes, tendo o mais conhecido, as *New-Letters*, 300 assignantes apenas. Em 1800, publicavam-se 150 jornaes; em 1810, 359; em 1828, 851; em 1834, 1:390; em 1860, 4:051. New-York em 1867 publicava 184 jornaes, dos quaes 16 diarios; sendo 10 em inglez,

4 em allemão e 2 em francez. Em 1880 imprimiam-se em todos os Estados da União mais de dez mil jornaes que tinham uma tiragem de mil milhões de exemplares.

Entre os jornaes mais importantes dos Estados Unidos citaremos dois, que adeante nos merecerão referencia especial. Um é a *Tribune*, fundada pelo celebre Greelay, com duas edições, uma diaria, outra bi-semanal. A primeira edição tinha, em 1861, 53:000 assignantes e a segunda, na mesma época, 205:000. O outro jornal importante é o *New York-Herald*, propriedade do archi-millionario J. Gordon Bennett, que o fundou em 2835, jornal que é um dos melhores do mundo. Foram o *New-York-Herald* e o *Daily Telegraph*, de Londres, que subsidiaram a expedição do seu commum redactor Stanley á Africa central, com o intuito de achar os restos da expedição de Livingstone. Stanley, sempre subsidiado por ambos os jornaes, emprehendeu depois outras viagens, que o immortalisaram nos dominios da geographia militante. A despeza annual do *New York-Herald* importa em 1:500 contos, ou sejam 4 contos de reis por dia.

Nos Estados Unidos, como se sabe, ha grande nucleo de colonos europeus, principalmente na costa de oeste. Por isso abundam os jornaes e publicações estrangeiras. Até Portugal alli está representado, pela *Chronica*, de S. Francisco da California, e pelo *Arauto*, de Oakland, também na California. São numerosos os jornaes francezes, allemães e italianos.

O primeiro jornal que se publicou no Brazil foi o *Diario Official*, cujo primeiro numero appareceu em 1822, anno em que o Brazil proclamou a sua independencia. Pouco depois fundou-se o *Diario do Rio de Janeiro*, que suspendeu em 1874, sendo substituido pelo conceituado *Jornal do Commercio*, fundado pelo francez Villeneuve, e que é hoje um dos mais importantes jornaes do Brazil. Em 1878 fundou-se o *Cruzeiro*, que teve uma vida muito accidentada. Era brilhantemente collaborado; teve como correspondente em Portugal Camillo Castello Branco. Durou apenas alguns annos. Apparece depois a *Gazeta de Noticias*, por um preço excessivamente modico e que operou, no Brazil, a mesma revolução que entre nós operou o *Diario de Noticias*, que foi o primeiro quotidiano que se começou vendendo a 10 reis o exemplar. Entre os melhores jornaes de hoje da republica brazileira contam-se *O Paiz*, o *Jornal do Brazil*, com duas edições, e a *Imprensa*, do senador Ruy Barboza, e fóra do Rio de Janeiro o *Jornal de S. Paulo*, *A Folha do Norte* e a *Provincia do Pará*.

Entre os jornaes scientificos é digna de registo, pela sua circulação na Europa, a *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Abundam, na grande republica sul-americana, as revistas e publi-

cações litterarias. Também alli as colonias europêas teem os seus órgãos na imprensa; a colonia ingleza é representada pelo *Anglo-Brazilian Times*, a franceza pelo *Messager du Bresil* e a portugueza pela *União*, semanario dirigido por um antigo jornalista portuguez.

No Mexico o jornal mais importante é o *Muzeu Mexicano*. Esta republica possui hoje muitos jornaes e revistas scientificas, como se pode vêr na ultima exposição de imprensa realisada na sua capital, e que fo um brilhante certamen do seu desenvolvimento litterario. No Panamá existem o *Panamá Herald* e o *Panamá Star*, redigidos em inglez. Nas republicas da America do Sul ha jornaes importantes; um d'elles é o *Diario de Buenos-Ayres*, que teve como correspondente na Europa o celebre politico hespanhol Castellar.

(Continua).

## ANNUNCIOS

### Novena da Conceição

PELO

PADRE DINIZ S. J.

VERSÃO DE

M. D'ALMEIDA GARRETT

A novena mais linda em linguagem portugueza

Com approvaçào e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev. Snr. Bispo do Porto.

Preço . . . 100 reis

A' venda na typographia d'este jornal.

Coupon brinde do "PROGRESSO CATHOLICO."  
O assignante que apresente este coupon ao editor—José Fructuoso da Fonseca, tem direito a receber *As Encyclicas de Leão XIII*,—cinco volumes—por 1\$500 reis, franco de porte.

Brinde aos assignantes  
do PROGRESSO CATHOLICO

AS ENCYCLICAS DE S. S. LEÃO XIII

OBRA EM CINCO VOLUMES

O editor catholico José Fructuoso da Fonseca, estelecido á rua da Picaria, 74, Porto, oferece como brinde aos assignantes precioso livro—*As Encyclicas de Sua Santidade Leão XIII*, que custam 2\$300 reis, pela quantia de 1\$500 reis.

Para os assignantes de fóra da cidade, enviará esta obra franca de porte.

E' condição indispensavel que o pedido venha acompanhado da importancia da obra, sem o que será considerado como não feito.

## Aos nossos estimaveis assignantes

Para os nossos estimaveis assignantes já mandamos para o correio saques na importancia das suas assignaturas em divida. De novo repetimos o nosso pedido para o prompto pagamento d'estas, pois que a nossa empreza não tem outros recursos para a manutenção d'este jornal. Para os snrs. assignantes em atrazo de mais de um anno, vémo-nos na dura necessidade de lhes suspendermos a remessa do nosso jornal, se porventura até ao dia 31 de dezembro do corrente anno não satisfizerem as suas dividas. Lembramos a grande responsabilidade que pesa sobre todo o catholico que em vez de auxiliar o mais necessario arauto da sã doutrina nos tempos actuaes, a imprensa catholica, ainda por cima a prejudica com as suas insolvencias.